

# O MUSEU torna- -se MU[SEU] QUANDO NOS TOCA

*The museum becomes a museum  
when it touches us*

CLARA ANIELE SCHLEY\*

Artigo completo submetido a 9 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

\*Brasil, professora de artes. Graduação em Artes Plásticas pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Santa Catarina. Mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Santa Catarina.

AFILIAÇÃO: Centro Universitário UNIASSELVI, Curso de Artes Visuais. Rodovia Br 470 Km 71 1040 — Indaial, SC. CEP 89130-000 Brasil. E-mail: clara.schley@uniasselvi.com.br

**Resumo:** O presente artigo, baseado no projeto “A imagem que tenho do museu”, apresenta um percurso para a reflexão sobre a relação e a ponte construída entre a escola e os espaços não formais. Por meio do relato reflexivo das ações realizadas na Escola Básica Municipal Maria da Graça dos Santos Salai, na cidade de Indaial/SC, evidenciaram-se as percepções por meio do olhar dos alunos sobre o lugar “museu”.

**Palavras chave:** Educação Básica / ensino da arte / museu de arte / museu virtual / experiências.

**Abstract:** *This paper, based on the project “The image I have of the museum”, presents a path to reflect on the relationship and the bridge built between school and non-formal spaces. Through a reflective report of the actions performed at Municipal Basic School Professora Maria da Graça dos Santos Salai, in the city of Indaial/SC, we highlight the perceptions through the eyes of students of the museum.*

**Keywords:** *Basic Education / art teaching / museum of art / virtual museum / experiences.*

### Um caminhar...

Desde o final do século XX e início do século XXI, pesquisadores têm discutido veementemente a relação entre ensino formal e não formal. Como essa relação ocorre no cotidiano? Sabemos que cada um tem objetivos específicos; no entanto, ambos se interconectam e auxiliam na compreensão de ser e estar no mundo. Assim, a escola pode tornar-se uma janela para que o aluno possa ver além do simples olhar, para que este possa perceber outros lugares, adquirindo novo saberes e aprenderes. Essas janelas oferecem percepções, sentidos que proporcionam uma transformação sociocultural. Ao propor aos alunos essa relação e interação, oferecemos um mundo pelo qual muitos conhecem apenas pelas mídias tecnológicas, pois há aqueles que não têm acesso a esses lugares, sendo, assim, apresentado e oportunizado pela escola.

Os estudantes, muitas vezes, dão-nos pistas expressas por meio de questionamentos, levando a novas veredas do novo aprender. Cabe, assim, ao professor ser sensível em perceber e vislumbrar o início de novas tramas pedagógicas. Foi nessa trama entre curiosidade, perguntas, matérias que foram destaque na mídia televisiva, que despertou o interesse dos alunos da Escola Básica Municipal Maria da Graça dos Santos Salai, que se localiza na cidade de Indaial no interior do Estado de Santa Catarina, com o projeto cujo tema foi "A imagem que tenho do museu". Tratou-se de um projeto desenvolvido no segundo semestre de 2015, que resultou em um museu criado pelos alunos no contexto escolar, como eles percebem e veem o museu.

#### 1. Ver além de olhar para dentro do museu

O museu, não importando sua tipologia, é um lugar que não abriga seu acervo somente para preservação, mas aproxima as pessoas dele, pela mediação, proporcionando humanização dos sentidos. Contudo, as pessoas o visitam? Uma pesquisa mostra que "70% da população brasileira não frequenta museus ou centros culturais" (Mendes, 2012: 20-21). No entanto, em 2013, uma pesquisa realizada pelo Serviço Social do Comércio (SESC) e a Fundação Perseu Abramo, por meio da aplicação de questionário estruturado em entrevistas pessoais e domiciliares com 2 mil e quatrocentas pessoas em 139 municípios, foi observado que 71% dos entrevistados nunca estiveram em uma exposição que envolvesse arte. Como ponto de partida para o projeto, realizamos uma pesquisa usando a metodologia de entrevista semiestruturada com os alunos. Os resultados indicaram que 49 alunos já visitaram um museu, sendo de tipologia histórica, etnográfica ou de artes (museu da música), ocorrido na grande maioria por meio da escola. No entanto, um aluno nunca visitou um museu, mas, na sua



**Figura 1** · Apresentação da caixa de memórias na E.B.M. Maria da Graça dos Santos Salai, agosto de 2015. Fonte: própria.

**Figura 2** · Objeto “máquina de escrever”, da aluna Maria, compondo o acervo do Museu das Coisas Banais, setembro de 2015. Fonte: própria.

**Figura 3** · Modelo escolhido para o profissional medidor, na E.B.M. Maria da Graça dos Santos Salai, outubro de 2015. Fonte: própria.

**Figura 4** · Visita à exposição Miró, no Museu de Arte de Santa Catarina, novembro de 2015. Fonte: própria.

**Figura 5** · Esculturas na exposição, na E.B.M. Maria da Graça dos Santos Salai, dezembro de 2015. Fonte: própria.

imaginação, há “coisas antigas, tipo, quadros, peças e esculturas” (G.S., aluno 8º O3, 2015).

Com relação ao museu de arte, os alunos não tiveram experiência, certificado por meio da fala a seguir: “Nunca visitei um museu de obras de arte, mas sempre quis saber como é lá dentro” (B.S., aluna 8º O2, 2015). Esses alunos não visitaram um museu de artes, seja de obras clássicas, modernas ou contemporâneas. Bourdieu (2013) registra a importância do poder que a escola exerce por intermédio da arte, pois esta proporciona condições de percepção estética auxiliando na mudança dos sujeitos, por meio da humanização dos sentidos.

Nesse contexto, foi importante os alunos conhecerem de forma simples e objetiva a história museal do Brasil e do mundo. Para tanto, foi elaborada uma apresentação por meio de *slides* com dados históricos, imagens, vídeos diversos, como o *Charlie Brown no Museu* e dados dos museus brasileiros cadastrados no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Momentos de explicação usando a tecnologia auxiliaram na aprendizagem, pois os alunos fizeram conexões com filmes, matérias televisivas sobre roubo e o estrago de obras de arte em museus. Muitos questionamentos foram levantados e novos caminhos permeados, construindo, assim, o projeto cujo objetivo geral foi: conhecer o museu como lugar de aprendizagem e troca de saberes.

A construção do projeto deu-se de forma rizomática, ou seja: “Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças” (Martins & Picosque, 2012:21), visto que as direções do projeto foram permeadas pelas interferências dos alunos por meio das dúvidas e das curiosidades. Após a explicação sobre a história museal, partiu-se para o conhecimento sobre acervo e pessoas que trabalham no museu, nomeados pelos próprios alunos como: guia, ajudante de pessoas, auxiliar, tira dúvidas, explicador de obras de arte — nesse caso, o mediador.

Para que os alunos compreendessem o que é um acervo de museu, apresentei, com a ajuda de *slides*, o livro *Visitando um Museu* de Florence Ducatteau (2011), o qual resgata seu olhar sensível sobre os objetos e suas memórias afetivas levando a realizar a atividade “minha caixa de memórias”. Essa atividade foi iniciada com o compartilhamento de uma caixa de memórias pertencente à professora da turma. Subsequentemente, os alunos fizeram suas próprias caixas. Durante as narrativas dos alunos sobre os objetos, eles resgataram momentos alegres e sofridos da infância, saudade de familiares e amigos; festas, viagens e passeios divertidos, por meio dos objetos especiais que guardam com afeto e trouxeram para compartilhar. Ter proporcionado esse momento de exposição de sentimentos no momento de partilhar histórias “faz aflorar as associações decorrentes da

experiência particular de cada um, que vai apresentando novas formas de conhecer algo” (Martins & Picosque, 2012:37). Essas experiências ampliam o repertório dos alunos por meio do deleite estético. O nutrir estético não necessariamente precisa ser por meio da obra de arte, mas também com objetos que fazem o sujeito sensibilizar-se, compreendendo como valor simbólico, valorizando o patrimônio pessoal, como podemos ver na imagem a seguir (Figura 1).

Após os alunos entenderem o valor dos objetos para a vida, procurei questioná-los com relação a um objeto contemplado, seja do acervo de um museu físico ou de um museu virtual. Tendo essa compreensão, eles passaram pela experiência de ter um objeto seu que foi partilhado no grupo compondo o acervo do museu virtual das *Coisas Banais de Pelotas no Rio Grande do Sul*. Esse museu compõe um acervo de objetos afetivos que é construído de forma colaborativa. No laboratório de informática da escola, os alunos puderam conhecer o *site* do museu e cadastrar seu objeto. O museu faz uma análise das imagens enviadas para fazer parte do acervo. Na imagem da Figura 2, um dos objetos aceites.

No mundo atual, entende-se que a tecnologia está muito presente na vida dos alunos. Assim, realizar uma atividade com um museu virtual, como o *Museu das Coisas Banais* aproximou-os do universo museal. Isso levou-os a realizar pesquisas sobre outros museus do país, das mais variadas tipologias, e fazer relação com o que fora estudado sobre tipologias museais na aula referente à história do museu. Durante essas buscas, os alunos conheceram *sites* de museus que tinham alguma identidade com eles, como: museu do relógio, *game*, moda, etc., porém um aluno encontrou o museu do lixo que se localiza em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Isso despertou a curiosidade dos alunos, pois o mediador se apresentava com roupas diferentes em um ambiente colorido, rodeado de objetos. No entanto, a próxima aventura do conhecimento deu-se em conhecer a figura do mediador.

Durante uma conversa com o grupo, coloquei algumas questões sobre esse profissional que acompanha um grupo em uma exposição. Várias foram as colocações de acordo com as experiências que os estudantes tiveram em outros museus. Nas falas dos alunos, ficaram evidentes as nomenclaturas que eles deram ao mediador, pois não houve mediação, mas sim explicação do acervo desses museus que os alunos visitaram. Foi colocado para eles que todo processo do projeto estava sendo mediado pela professora entre conversas, reflexões e questionamentos; assim, o mediador pode fazer o mesmo no museu, podendo ocorrer, dessa forma, uma viagem para outros lugares, fazendo conexões por meio de pensamentos e percepções. Nesse momento de mediação, de troca, é que enriquecemos (Martins & Picosque, 2012). Complementando o pensamento



**Figura 6** · Objetos afetivos na exposição, na E.B.M. Maria da Graça dos Santos Salai, dezembro de 2015. Fonte: própria.

**Figura 7** · Mediação na exposição, na E.B.M Maria da Graça dos Santos Salai, dezembro de 2015. Fonte: própria.

**Figura 8** · Momento da exposição — destaque aos seguranças, na E.B.M Maria da Graça dos Santos Salai, dezembro de 2015. Fonte: própria.

**Figura 9** · Doação de criações artísticas dos alunos, na E.B.M Maria da Graça dos Santos Salai, dezembro de 2015. Fonte: própria.

**Figura 10** · Momentos das ações educativas, na E.B.M Maria da Graça dos Santos Salai, abril de 2016. Fonte: própria.

das autoras, é nessa relação entre sujeito/obra/museu que se oportuniza criar uma identidade com o lugar visitado.

Essa discussão sobre o mediador desencadeou outra trama, porém de forma prática. Como tirar um coelho da cartola, desafiei-me a pensar nas apresentações das caixas de memórias para, então, eles criarem a caracterização da figura mediador para uma exposição futura. Uma aluna, por exemplo, apresentou, para o figurino do mediador, um lenço de escoteiro que ela havia ganhado de presente. Tirei a medida dele e, usando tecido TNT, os alunos puderam criar a identificação desse profissional. Nas aulas posteriores, os alunos desenharam, cortaram, costuraram e tingiram o TNT. Para saber qual seria o figurino escolhido, realizamos um desfile (Figura 3) definido em consenso geral.

Depois da escolha do traje, conversamos sobre a trama do projeto. As falas dos alunos cruzaram com o pensamento rizomático, que nada era intencional, mas sim construído em parceria.

Após passagens teóricas e práticas, realizamos uma saída da escola, rumo a um museu físico de Arte. A visita aconteceu na capital do Estado durante a exposição *Miró — A força da matéria*. Os alunos sentiram-se à vontade durante a exploração dos ambientes. Eles puderam explorar o espaço e as obras usando também o seu corpo (Figura 4).

Posteriormente à visita, foi realizada uma conversa com os alunos. Eles apontaram como foi a experiência no museu de arte, sendo destacado: iluminação para cada obra; esculturas separadas das pinturas; pinturas alinhadas e separadas por tipo; segurança para que ninguém tocasse nas obras; mediador fazendo perguntas para serem respondidas pelo grupo; livro de assinaturas. Os estudantes apontaram, também, que a mediadora poderia ser mais engraçada e divertida, pois, em alguns momentos, eles não prestaram atenção no que ela falava. Após essa escuta, foi perguntado aos alunos: “Se vocês pudessem criar um museu, como ele seria?”. Iniciou-se, assim, outra trama do projeto — a criação do museu da turma com a identidade deles.

### **1. Um museu pelos olhos dos alunos**

Para criar o museu, os alunos definiram que seria necessário ter criações artísticas. A inspiração ocorreu, assim, na exposição do Miró, onde os estudantes produziram pinturas e esculturas. Para algumas pinturas, eles usaram outros trabalhos já efetuados como suporte, por exemplo, trabalho referente à arte do expressionismo abstrato de Jackson Pollock. As pinturas foram expostas em um corredor da escola, enquanto as esculturas (Figura 5), em um nicho que liga duas partes da escola.

Para a exposição, os alunos apropriaram-se, também, de latas com rótulos de produtos criados por eles em estudo da arte do consumo com base no artista Andy Warhol. Os estudantes resolveram expor esses objetos na sala de vídeo como uma pirâmide e fazer algumas ações com as crianças. Fizeram parte ainda da exposição os objetos afetivos cadastrados no *site* do museu (Figura 6).

Com a arte para a exposição pronta, foi pensado na equipe do museu. Ela foi composta, pelo olhar deles, por: mediadores; seguranças; auxiliares do museu — no caso de alguma criação artística cair ou voar, pois estavam em uma área de muita circulação de ar, os auxiliares poderiam imediatamente colocá-la de volta. Foram criados, também, guias das turmas da escola, cuja função seria buscar a turma na sala de aula e levá-la de volta.

Para fazer o ambiente mais colorido e curioso, os alunos agregaram *post-it* (bloco de papéis coloridos autoadesivos) no museu. Cada aluno, ou em pequenos grupos, escreveu sobre alguma obra em um *post-it* e colocou embaixo dela para chamar a atenção de outras pessoas para a obra. Na Figura 7 e Figura 8 se encontram registros visuais referentes à mediação e à intervenção com *post-it*.

A exposição foi contemplada para quase 500 alunos, que se divertiram com os seguranças pela caracterização despojada, e todo movimento na escola. Fazer do espaço escolar um outro lugar que ganha uma conotação positiva ocorre quando os alunos interagem e sentem-se bem. “Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo” (Santos, 2002:330).

O movimento ocasionado na escola resultou na doação de alguns trabalhos a pedido de funcionários da escola (Figura 9).

O projeto desenvolvido na prática em dezembro de 2015 proporcionou a sua continuidade em 2016, motivando a turma do projeto depois do convite do Museu das Coisas Banais em continuar a parceria. No que diz respeito ao museu, eles nos enviaram a exposição fotográfica “objetos [nada banais] da infância” que desenvolveram com uma escola de Pelotas/RS.

De entre as 36 fotografias enviadas de crianças com seus brinquedos e objetos, foram observados que apenas duas fotos trouxeram o resgate de brinquedos populares. Essa questão chamou atenção dos alunos, sendo proposto o resgate popular por meio da confecção de brinquedos e da realização de brincadeiras com base na infância da turma do projeto. A Figura 10 nos proporciona um pouco desse momento.

No projeto desenvolvido em 2015 e com sua ramificação em 2016, podemos evidenciar os caminhos rizomáticos trilhados pela turma mediada pela professora.

## Conclusão

O museu torna Mu[seu] quando os sujeitos o veem como lugar de aprender e de troca de saberes. A escola torna-se, assim, uma ponte na valorização de seu patrimônio por meio da experiência e da vivência. Nesse projeto, os alunos foram os atores que tramaram e tramam sua construção, que ocorre por meio da mediação da professora, que procura, por meio das experiências, inserir este capital cultural, o museu, o qual pode ser construído e ampliado se apresentado aos alunos.

Contudo, nós, professores, precisamos questionar-nos sobre o desenvolvimento de um projeto ou sobre a dinâmica cotidiana de conteúdos: Que tempo damos para ouvir os alunos? Quanto tempo cada aluno precisa para compreender o seu entorno? O tempo que procurei ouvi-los resultou em um projeto que perpetua, cresce e se ramifica naturalmente. Que o aprender seja uma ponte, pois: “A escola não é território proibido às práticas educativas não formais, ao contrário, deveria incorporá-las” (Gohn, 2010:23). O projeto até 2015 culminou em um entendimento que trago por meio da fala de uma aluna: “Vemos as mudanças, o desenvolvimento e, principalmente, a nossa evolução” (D.B., aluna do 8º O2, 2015). Evoluir por meio da humanização dos sentidos, da relação com o outro, consigo e com o meio onde se está inserido, propõe mudanças sociais e culturais.

## Referências

- Bourdieu, Pierre (2013). *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. Tradução: Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva.
- Ducatteau, Florence (2011). *Visitando um museu*. Tradução: Arthur Diego van der Geest. São Paulo: Brinque-Book Saber.
- Gohn, Maria da Glória (2010). *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez.
- Martins, Mirian Celeste & Picosque, Gisa (2012). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. Ed. São Paulo: Intermeios.
- Mendes, Luiz Marcelo (Org.) (2012). *Reprograme comunicação, branding e cultura numa nova era de Museus*. Rio de Janeiro: Imã Editorial.
- Santos, Milton (2002). *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP.